

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Lívio de Castro e um outro olhar sobre a mulher no século XIX

Ana Maria Araujo de Almeida*

Resumo: Este trabalho analisa as idéias propostas por Tito Lívio de Castro – médico e ensaísta brasileiro – sobre as mulheres. Castro se insere no debate sobre a capacidade intelectual feminina, que muitas discussões provocou, principalmente no interior da comunidade médica. Ele defendeu a inclusão feminina à educação, pois acreditava que esta contribuía para a evolução mental de uma raça. Baseando-se nas idéias de hereditariedade mental, bem aos moldes das propostas evolucionistas em voga no século XIX, Castro produziu um trabalho singular em relação aos seus companheiros de profissão. Suas idéias nos indicam uma das formas como a mulher foi examinada e diagnosticada em fins do século XIX brasileiro.

Palavras-chave: Educação, Mulher, Século XIX

Abstract: This work analyzes the ideas proposed by Tito Lívio de Castro – a Brazilian doctor and essayist - in relation to women. Castro participated in the debate on the feminine intellectual capacity, which caused many discussions inside the medical community. He supported the feminine inclusion in education, because he believed that this would contribute to the race mental evolution. Castro produced a unique work in comparison with his contemporaries, basing on the mental heredity ideas and in the evolutionist thought so fashionable in the 19th century. His ideas show one of the ways that women were examined and defined in the late 19th century.

Keywords: Education, Woman, 19th Century.

As últimas décadas do século XX presenciaram um crescente interesse pelos estudos de gênero. Em especial, com as propostas trazidas pelos estudos culturais, ganharam força os trabalhos voltados para a temática de gênero, resultando em uma considerável produção acadêmica. Abordagens as mais diversas foram feitas, relacionando-se à temas como o das relações de poder e dominação, o trabalho, a família, os direitos políticos, a emancipação da mulher, a medicina e a saúde, a educação, entre tantos outros. Estes estudos trouxeram grande contribuição ao debate de gênero, mostrando que não se tratava apenas de relembrar os esquecidos da história – no caso, as mulheres – mas de mostrar uma importante dimensão da história, sem a qual, qualquer estudo sobre a sociedade ficaria incompleto. As mulheres constituem importantes agentes na construção da história, e sobre elas muito foi produzido e muito ainda há que se produzir.

* Mestranda, Universidade Federal de Minas Gerais

A construção da diferenciação entre os sexos e a reafirmação da idéia de inferioridade feminina encontraram um fértil terreno em fins do século XVIII. Mas, efetivamente, se concretizaram no século XIX com a ascensão de um discurso médico voltado para a mulher, que potencializou ainda mais a idéia de inferioridade feminina frente aos homens. Segundo Foucault, no século XIX o corpo da mulher passou a ser objeto médico por excelência. A mulher foi examinada e diagnosticada, seu corpo e também sua alma foram vistos como frágeis e indutores de doenças (FOUCAULT, 1982:234). Reflexo direto destas constatações se fizeram sentir em preocupações tão caras ao século XIX, tais como a construção de um novo indivíduo, a melhora da raça e o aprimoramento da população. Deste modo, a mulher se tornou um dos focos privilegiados de estudo para médicos, higienistas, racialistas, entre outros, quase sempre influenciados pelas teorias evolucionistas.

É nesta preocupação que se insere Tito Lívio de Castro. Médico, ensaísta, preocupado com o desenvolvimento do Brasil, crítico fervoroso da situação do país, republicano, darwinista social, enfim, emblemático representante do intelectual brasileiro de fins do século XIX, Castro foi um dos que, em seus estudos, se debruçaram sobre a questão da mulher. Todavia, sua perspectiva teórica o levou a um caminho diverso do que vinha sendo produzido por seus companheiros de profissão, em relação a esta temática. A grande maioria dos médicos que se ocuparam da questão da mulher, estavam ligados à medicina ginecológica e/ou obstetrícia. Segundo Rohden, especializações da medicina como a ginecologia, que se desenvolveram ao longo do século XIX, estavam articuladas com o próprio empreendimento científico deste século, empenhado na busca por delimitações e classificações entre os seres humanos (ROHDEN, 2001: 203). Considerável foi o número de trabalhos médicos voltados para a compreensão da natureza feminina, e estes, quase sempre reafirmavam sua inferioridade, dizendo ser esta inata e intransponível. Dentre estes trabalhos, figura o livro *A Mulher e a Sociogenia* de Tito Lívio de Castro. Entretanto, este difere muito dos demais trabalhos produzidos sobre a mulher no século XIX.

Livro póstumo, publicado três anos após a morte de seu autor e prefaciado por Sílvio Romero¹, *A Mulher e a Sociogenia* constitui um importante exemplar da aplicação dos ideais evolucionistas à questão da capacidade intelectual feminina. Castro elaborou em seu livro a teoria de que em uma mesma raça homens e mulheres possuiriam capacidade cerebral diversa, sendo a inferioridade cerebral da mulher tanto maior, quanto mais adiantada fosse a

¹ Sílvio Romero foi professor de Lívio de Castro no Imperial Colégio Pedro II (Local onde Castro bacharelou-se em letras), e, ao lado de Manoel da Costa Paes – pai adotivo de Castro –, foi seu grande incentivador nos estudos, colaborando na publicação e fazendo os prefácios de seus dois livros póstumos. É através de Sílvio Romero que conhecemos os seus principais dados biográficos.

raça a que ela pertencesse. Respalado por teorias produzidas por grandes nomes do cientificismo europeu, e de posse de todo um vocabulário trazido por estas teorias, Castro traçou seu diagnóstico. Assim, ele afirmou que a mulher estava na “infância da humanidade” e, através das constatações da craneologia e da fisiologia, seu cérebro se aproximava ao da criança, ao do selvagem, ao da “raça atrasada” e ao dos criminosos, pouco contribuindo para a evolução da espécie. E, por estar em uma fase inferior de desenvolvimento, a mulher contribuía para a sobrevivência de “antigas instituições” na sociedade, tais como os medos irracionais, as crendices populares e o apego às religiões. Instituições estas que denotavam atrasos e, acreditava ele, desapareceriam com o desenvolvimento das sociedades.

Para seu doutoramento na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Castro escolheu como tema um objeto de estudo ligado à medicina psiquiátrica que, naquele momento, estava em fase inicial de desenvolvimento no Brasil. Sua tese intitulada *Das Alucinações e Ilusões*², é considerada uma dos estudos precursores nesta área, mas praticamente não aborda a questão da mulher. Contudo, nos aponta para uma preocupação constante em seu trabalho: a saúde mental. Castro era adepto da idéia de hereditariedade mental³, segundo a qual as aquisições intelectuais contribuía na evolução mental de uma raça, sendo transmitida hereditariamente. Por isso, foi um defensor da inclusão feminina à educação, por acreditar que este seria um dos meios mais rápidos e seguros na promoção da evolução mental da mulher, bem como para sua transmissão às futuras gerações. Em seu esforço por encontrar soluções para o aprimoramento da espécie, a desigualdade entre homens e mulheres surgia como um entrave na busca pela tão sonhada civilização. Deste modo, Castro se ocupou em identificar as causas do atraso nacional e as soluções para superá-lo, colocando a mulher no centro de suas preocupações, apontado-a como uma das causas do atraso, ao mesmo tempo que se constituía em um reflexo dele.

Fortemente inspirado nos argumentos propostos pela craneologia – em especial, as quantificações cerebrais realizadas por Paul Broca – Castro afirmou que a inferioridade da mulher era de ordem física. Mas, enquanto os médicos e fisiologistas do período se empenhavam em demonstrar a inferioridade feminina a partir de analogias entre os órgãos sexuais femininos e masculinos, Castro fez do cérebro seu órgão de estudo por excelência. Ele considerava que a inferioridade feminina estava relacionada ao menor peso do cérebro, às

² Tese defendida em setembro de 1889, na cadeira de clínica psiquiátrica.

³ A idéia de hereditariedade mental na obra de Castro possui uma clara inspiração nas teorias de Ernest Haeckel. Segundo Haeckel, a história do desenvolvimento de um organismo (sua ontogenia) repete o desenvolvimento evolucionário de sua espécie (sua filogenia). Castro se apoia nesta idéia para construir sua teoria de inferioridade cerebral da mulher frente ao homem.

conformações do crânio, e à proeminência da medula sobre o cérebro – o que denotava um estágio inferior de evolução frente aos homens, nos quais, acreditava ele, o cérebro predominava sobre a medula. Segundo Castro, a inferioridade física da mulher teria sua origem na luta pela evolução das espécies, em que a mulher ao ser protegida pelo homem, havia necessitado de menos esforço físico e mental do que este. Todavia, mesmo objetivando afastar toda forma de interpretação que não fosse a da positividade da ciência, e negando as especulações sobre o papel social e cultural na diferenciação entre os sexos, Castro não deixou de observar que a inferioridade intelectual da mulher – para muitos apontada como inerente à condição feminina – possuía também uma contribuição do meio social. Para ele, o descaso com que o aprimoramento da mente das mulheres vinha sendo conduzido no Brasil, era uma das principais causas do atraso feminino, pois só fazia ampliar a diferença existente entre homens e mulheres.

Muitos intelectuais do período consideravam ser impossível o cultivo intelectual nas mulheres, por considerarem que estas não eram afeitas às lides científicas. Entre as explicações para a menor capacidade intelectual feminina, alguns médicos apontaram a rivalidade entre útero e cérebro, chegando mesmo a afirmar que “a educação poderia atrofiar os órgãos reprodutivos femininos e masculinizar as mulheres” (ROHDEN, 2001: 207). Esta negativa quanto à educação feminina, relacionava-se também a uma restrição da mulher a trabalhos considerados masculinos. Vale lembrar que era masculino todo trabalho que não fosse o do lar, o da mulher mantenedora da ordem e da paz doméstica, o da mãe responsável pelo cuidado dos filhos e pelo bem estar do marido. Deste modo, as mulheres que ousaram expandir suas funções para além do lar e da maternidade, foram alvos de acusações e especulações sobre sua feminilidade.

Castro considerava que a mulher não só era capaz de se educar, como esta educação deveria ser correlata à recebida pelos homens, com bases científicas e não apenas formada por uma extensão das aprendizagens domésticas:

“Não há portanto objecção científica contra a educabilidade da mulher, ela é um organismo como os outros e sob a acção dos motivos que influenciaram os outros reagirá do mesmo modo que elles: o motivo é a educação, a reacção é a evolução mental. (sic.)” (CASTRO, 1893:312)

No caso brasileiro, argumentava Castro, se a mulher ainda não havia se educado, era devido ao descaso do governo para com a educação. Descaso este, que no Brasil se observava não apenas em relação às mulheres, mas à toda a população. Entretanto, como a grande maioria dos defensores da educação feminina, Castro também o fazia tendo em vista a função de mãe e educadora, não defendendo a educação como uma plataforma para a

emancipação feminina. A função de educadora, contudo, só seria possível quando as mulheres se educassem, quando evoluíssem mentalmente. Para ele, no estágio mental em que se encontravam, as mulheres eram incapazes para a função de educadora, a qual elas vinham sendo indicadas.

Em fins do século XIX, era corrente a idéia de que a mulher era a mais indicada pra incutir nas crianças os primeiros saberes. Idéia corroborada pelos intelectuais de tendência romântica, que idealizavam a mulher e caracterizavam-na por mais dócil e sensível; como também pelos intelectuais de tendência positivista, que as viam como guardiãs da moral e elemento regenerador da sociedade. Neste ponto, encontramos outra grande divergência nas teorias de Castro frente às de seus contemporâneos, pois para ele, a mulher não devia ser vista como educadora, nem mesmo de seus próprios filhos, uma vez que não estava capacitada para isso. Em seus cálculos – apoiado nos métodos “desapaixonados” da ciência – o cérebro da mulher era tal qual o cérebro de uma criança, sua mentalidade igual a de um menino, além de conservar superstições e outras crenças afastadas da racionalidade. De modo que, entregar as crianças para serem educadas pelas mulheres seria o mesmo que entregar uma criança aos cuidados de outra. Por isso, educar a mulher era fazer com que esta cumprisse devidamente o papel que lhe fora reservado na sociedade. E isso não se daria apenas através da função de educadora, mas também a partir da transmissão hereditária de um tipo genético - ou sociogenético, como ele se referia – mais evoluído. Nestes cálculos, a educação contribuía para a evolução da espécie, sendo indispensável em qualquer projeto de desenvolvimento para uma nação. Era aí que residia a maior preocupação de Castro para com o futuro do Brasil.

Seu projeto de desenvolvimento da nação passava diretamente pela questão educacional, vista como única forma de redenção para o Brasil. A educação era encarada como a forma mais rápida de se promover a evolução. Escreveu ele: “como a intellectualidade é o factor mais variável em diversas sociedades, é pela educação (Buckle) que se modifica o fundo hereditário. Por isso o mundo está nas mãos dos educadores” (CASTRO, 1913: 96). E, se era entre as mulheres que a educação se mostrava mais precária, à elas devia se concentrar a maior preocupação. Vista sob perspectivas diferentes, mas nem por isso opostas, a defesa da educação feminina esteve presente em diversos intelectuais no final do século XIX.

A exemplo de nomes como o de Tobias Barreto – o mais fervoroso nesta defesa –, o de Jaquaribe Filho, e o de José Veríssimo, muitos outros figuraram nos debates sobre educação feminina. Em Jaquaribe Filho esta defesa surge como uma forma de desenvolver a mulher, para que esta produzisse “homens de bem” (MARTINS, 2004: 235). Tobias Barreto,

defendia que as mulheres tinham as mesmas capacidades intelectuais que os homens, refutando as teses de inferioridade feminina trazidas pela craneologia. Assim, defendia ele: “a mulher tem as mesmas disposições naturais para os estudos superiores; o que há mister é cultura, trabalho e esforço; o que há mister é que se lhe franqueie o templo da ciência”(BARRETO, 1962: 72). Entretanto, apesar de não restringir a educação da mulher à formação de educadora dos filhos, também não defendia sua emancipação. Já Veríssimo considerava que a mulher não era dotada de capacidade para estudos aprofundados e especializados, devendo ser ministrado à ela, apenas o necessário para que esta cumprisse sua função social de mãe e educadora (VERÍSSIMO, 1985:122).

Em comum com Castro, estes e outros defensores da educação feminina possuíam vários pontos, em especial, a noção de que a educação da mulher estava estreitamente ligada à formação dos filhos. Além disso, nenhum deles defendeu a educação como meio de emancipação. Todavia, ao defenderem a educação feminina – e mesmo que não fizessem o mesmo quanto à sua emancipação – estes “homens da ciência” ajudaram a abrir um espaço, que vinha sendo trilhado por várias mulheres ao longo do século XIX, fomentando um debate essencial na luta por conquistas femininas no âmbito social e político. Principalmente, através de uma expressiva imprensa feminina, as mulheres foram adquirindo cada vez mais voz ativa, reivindicando seus direitos, sua capacidade intelectual, o acesso à educação, e, a seu modo, negociando seu espaço social. De objetos de investigação científica, ao serem analisadas, quantificadas e diagnosticadas, as mulheres negociaram aos poucos sua própria emancipação.

Hoje, em pleno século XXI, idéias como as de Tito Lívio de Castro podem nos soar bastante caricaturais, mas sua obra demonstra conhecimento das questões mais caras a seu tempo, e, salvo sua linguagem científicista – para nós, um tanto espinhosa e obsoleta em suas conclusões –, possui questões que ainda permeiam o nosso universo cultural. Me pergunto, quão diferente está hoje, em várias partes do mundo, a realidade social das mulheres e as idéias que muitos homens ainda fazem delas.

Bibliografia:

- BARRETO, Tobias. *Educação da Mulher* (Assembléia de Pernambuco. Sessão de 22 de março de 1879). In: **Estudos de Sociologia**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.
- CÂNDIDO, Antônio. *A sociologia no Brasil*. In: **Tempo Social**. vol.18 no.1 São Paulo Junho 2006.

- CASTRO, Tito Lívio de. **A mulher e a sociogenia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves e Co., 1893.
- CASTRO, Tito Lívio de. **Questões e Problemas**. São Paulo: Empresa de Propaganda Luso-Brasileira, 1913.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org. introd. e rev. técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- GOULD, Stephen Jay. **A Falsa Medida do Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- ROMERO, Sílvio. *Tito Lívio de Castro*. (Prefácio) In: CASTRO, T. L. **A Mulher e a Sociogenia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1893.
- ROMERO, Sílvio. *Tito Lívio de Castro*. In: **História da Literatura Brasileira**. Tomo Quinto. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1949.
- VERÍSSIMO, José. **A Educação Nacional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.